

PRAIA

Ora, bem. Os senhores funcionários públicos foram gratificados com um soberbo dia de sol. Solidário com eles, o cronista cumpriu o seu dever, comparecendo à praia, onde entregou o seu corpo de feição andaluz ao embate das ondas — até que apareceu uma grande mancha negra no mar. Cuja mancha deveria ter cerca de metro e meio num sentido e três e tanto em outro; ela se movia em direção ao Leblon, nadando lentamente à altura da arrebentação. Tão lentamente que mais parecia uma coisa arrastada pelas águas. Os entendidos declararam, entretanto, tratar-se de uma arraia; uma bruta arraia preta, da espécie chamada jamanta, capaz de matar um homem com uma rabada isto é, um golpe de rabo. Em face do que o cronista retirou-se para terra firme, naturalmente para melhor poder observar o monstro marinho. Aliás, anda o nosso mar fértil em monstros. O destemeroso cronista acaba, entretanto, de se fazer sócio do Clube dos Marimbás, onde se bebe um bom uisque a preço acessível antes ou depois de uma pescaria, ou mesmo em vez.

Amanhã também será meio feriado: não os funcionários, mas sim os comerciários folgarão. Fica desde logo hipotecada a nossa solidariedade; iremos ao mar ver seus monstros. No ar tivemos os bombardeiros a jato, um dos quais foi atropelado por um urubu e obrigado a descer. Esperemos que o serviço competente trate de incrementar o cultivo, quero dizer, a criação de urubus para formar uma frota de defesa antiaérea, em caso de guerra. Os corajosos animais poderão ser estimulados a pairar em várias altitudes graças a pequenos balões cativos, cada um com uma pequena porção de carniça na cestinha, e cada grupo de esquadrilhas será comandado por um urubu-rei.

Estão vendo os senhores leitores a quantidade de observações e sugestões úteis à Pátria que se pode ter na praia, numa boa manhã de sol. Imaginem numa noite de luar. Mas em homenagem à data vamos parar a crônica por aqui, fazendo meio expediente, como os bancos.

29/10/52

R. B.